

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

FH não topa tudo pela reeleição

O desejo do presidente Fernando Henrique pela conquista de um novo mandato em 1998 ainda não é maior do que a sua sensação de que há um forte cheiro de chantagem no ar. Não que se sinta, desde já, objetivamente chantageado pelos políticos que no Congresso têm o poder de modificar a Constituição e dar a ele o direito de concorrer a mais quatro anos no Palácio do Planalto.

Mas, quando externa a disposição de não entrar nessa briga e muito menos por ela ceder mundos e fundos, recorre a uma frase que não deixa dúvida sobre o que pensa estar por trás da sinuosidade parlamentar a respeito do tema. "Se pensam que vão me chantagear, estão muito enganados", diz, nos momentos em que aborda o assunto em rodas de conversas extra-oficiais.

Até porque, se dependesse de sua vontade e se fosse para entrar na luta de frente, o presidente hoje defenderia a reeleição em todos os níveis, inclusive para os atuais prefeitos. Considera errada a via das meias medidas que assumem sempre a cara do casuismo. Ou é para todo mundo ou não é para ninguém.

Como parece que os atuais prefeitos estão definitivamente fora da disputa pois o páreo da reeleição dificilmente correrá no Congresso antes do ano que vem, Fernando Henrique prefere deixar de lado o assunto. E, pelo que se depreende de seu raciocínio, há dois motivos: não está com a menor vontade de fornecer esse tipo de munção ao Congresso e jamais pretenderá repetir o nefando episódio que o fez posar sentado na cadeira de prefeito um dia antes da derrota eleitoral, em 1985.

Essas coisas, na visão do presidente, têm seu tempo próprio e buscar a antecipação a ferro e fogo, conforme a vida mesmo lhe ensinou, dificilmente rende vitórias. Fernando Henrique argumenta que a discussão a respeito do assunto não tem levado em consideração sua própria decisão de ser ou não candidato a presidente outra vez. Admite que a experiência do poder maior é fascinante, não esconde a satisfação pelo cargo mas acha que é cedo para determinar com precisão o lugar que as circunstâncias reservarão para ele daqui a três anos.

Seu passado recente, lembra, é um exemplo de que a imprevisibilidade se às vezes é um mal, na maioria delas vem para o bem. Quando Fernando Henrique era senador, antes de Itamar Franco assumir a Presidência, discutia-se seu futuro político no PSDB em termos de candidatura a deputado federal. Parecia não ter fôlego para mais.

Virou chanceler, adorou e chateou-se bastante quando Itamar forçou a mão para que assumisse o Ministério da Fazenda. A decisão de deixar o comando da economia e do plano de estabilização foi sofrida e demorada.

Só veio quando o então ministro percebeu duas evidências: ou se candidatava ou Lula seria o presidente — e aí o desastre do plano deixaria de ser um risco para transformar-se em certeza absoluta — e, no caso de ficar na Fazenda, perderia o apoio de Itamar como ministro, pois ele queria fazer o sucessor. Nesse caso fortaleceria as intenções do candidato e não do ministro que fugiu à luta.

Isso tudo aconteceu em cima da hora do prazo de desincompatibilização, em março de 1994.

Essa argumentação, a respeito da qual não se poder negar que seja convincente pois remete a fatos concretos, é usada pelo presidente para mostrar que, em termos de ambição pelo poder, tanto faz como tanto fez. Para quem nunca imaginou ser presidente — a negativa não se aplica ao "desejou" — ter sido já é um ganho inimaginável.

Que não se pense, porém, que o *fair play* presidencial chega ao ponto de colocar à margem a manutenção do poder em sua área de influência. Fernando Henrique deixa bem claro que sua posição atual não significa que pretenda passar o cargo à oposição — e aqui o leitor por favor não olhe apenas à esquerda e mantenha atenção também à direita.

Seja ele ou outro, a defesa da continuidade do projeto que imaginou para o país é uma tarefa a que se impõe. Vai trabalhar para eleger o sucessor que evidentemente não nomina nem quando provocado a se exercitar no terreno das hipóteses. Também não comete a imprudência de fustigar os aliados explicitando o projeto tucano de longevidade no poder. Faz um jogo de faz-de-conta e considera absolutamente plausível a possibilidade de repetir alianças desta vez em situação desfavorável.

Quanto às eleições municipais que se aproximam, o presidente considera ainda baixo seu nível de preocupação com o assunto. São Paulo, onde se dará a principal disputa, é, na sua análise, um problema concreto de difícil solução.

Seu ministro das Comunicações ficou bem animado com a agitação provocada pela possibilidade de ser candidato. Mas a realidade prática da vida — e não a opinião de Fernando Henrique — indica que ali faltam votos e sobram vulnerabilidades. A José Serra sobram votos, experiência administrativa em São Paulo e capacidade de articulação política. Mas a candidatura esbarra no fato intransponível de que ele não admite nem discutir o assunto.

Convencido de que nada fará Serra mudar, o presidente prefere deixar o assunto prefeitura de São Paulo para o governador Mário Covas resolver.

FH não briga pela reeleição, mas preocupa-se desde já com a eleição do sucessor